



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais
Aplicadas – FATECS
Curso: Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda

GABRIEL ABRÃO DA SILVA
RA: 21268631

MÚSICA ELETRÔNICA – POR TRÁS DA CENA

Brasília
2015

GABRIEL ABRÃO DA SILVA

MÚSICA ELETRÔNICA – POR TRÁS DA CENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, curso de Comunicação Social, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof.^a Claudia Busato

**Brasília
2015**

GABRIEL ABRÃO DA SILVA

MÚSICA ELETRÔNICA – POR TRÁS DA CENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, curso de Comunicação Social, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Busato.

Brasília, DF., 23 de Novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Claudia Maria Busato
Orientadora

Prof. M.e Bruno Assunção Nalon
Examinadora

Prof. M.e André Ramos
Examinador

Este trabalho é dedicado de forma especial à minha querida mãe, Mariângela Abrão, que sempre me guiou em qualquer decisão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, agradeço por me iluminar, dar força e sabedoria para poder seguir o meu caminho.

À minha orientadora, Prof.^a Claudia Busato, que, com muita paciência, direcionou-me para a conclusão desse desafio.

Aos meus professores do curso que contribuíram para a minha formação como pessoa e profissional.

À minha família, em especial aos meus pais, Adalcyr Luiz da Silva e Mariangela Abrão, por acreditarem em mim, por todo incentivo, amor e carinho que me dedicaram para que eu conseguisse concluir esta etapa.

À minha namorada, Juliana Guimarães Cirillo, que me acompanhou e motivou em todo o processo de elaboração do trabalho.

Ao meu companheiro do Trabalho de Conclusão de Curso, Francisco Dutra Pimenta, que participou e fez de fato, todo o trabalho junto à mim.

Ao amigo, Lucas Hamann, pelo auxílio na edição do documentário.

Aos meus amigos, que me incentivaram ao longo do curso.

A música é capaz de reproduzir, em sua forma real, a dor que dilacera a alma e o sorriso que inebria.

Ludwig van Beethoven

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um projeto experimental na modalidade produto de comunicação, referente ao curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e se propõe apresentar um documentário voltado para o tema: Música Eletrônica. No produto procurou-se trazer um pouco da história da música e sua relação com a sociedade (mercado, projetos sociais, preconceitos existentes, sensações e ascensão do estilo). A memória retrata, de forma mais aprofundada, a história da música eletrônica, os seus subgêneros, as sensações e emoções causadas no ser humano e a potencialidade do mercado a que pertence o estilo.

Palavras-chave: Música eletrônica; documentário; cultura; projeto social; mercado.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
1.1 Justificativa	11
1.2 Objetivo geral.....	11
1.3 Objetivos específicos.....	11
2 Referencial teórico	13
2.1 Conceito de música eletrônica.....	13
2.2 História e evolução da música eletrônica	13
2.2.1 <i>História e evolução da música eletrônica no Brasil</i>	16
2.3 Subgêneros da música eletrônica	17
2.4 Sensações e emoções	18
2.5 Mercado.....	20
3 Metodologia	23
3.1 Escolha dos entrevistados.....	23
3.2 Definição das pautas	24
3.3 Filmagem	25
3.4 Edição.....	26
4 Considerações Finais	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE A – MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	30
APÊNDICE B – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA PELO ENTREVISTADO KRANTI PESSOA	31
APÊNDICE C – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA PELA ENTREVISTADA THÁISA SABINO	32
APÊNDICE D – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA PELO ENTREVISTADO FELIPE CALDEIRA LOBO	33
APÊNDICE E – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA PELO ENTREVISTADO JOÃO EDUARDO KOMKA	34
APÊNDICE F – PAUTA DA ENTREVISTA COM KRANTI PESSOA	35

APÊNDICE G – PAUTA DA ENTREVISTA COM THÁISA SABINO.....	36
APÊNDICE H – PAUTA DA ENTREVISTA COM FELIPE CALDEIRA LOBO	37
APÊNDICE I – PAUTA DA ENTREVISTA COM JOÃO EDUARDO KOMKA	38
APÊNDICE J – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO.....	39

1 Introdução

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) pode ter duas vertentes: monografia ou produto. O projeto referente a esta memória, elaborado por Gabriel Abrão da Silva como um dos requisitos para aprovação final do curso, tem como concepção fazer um levantamento de dados sobre a cena eletrônica desde seu surgimento no Brasil (década de 80) até os dias atuais, as possibilidades e oportunidades que esse mercado pode trazer e, por fim, apresentá-los no formato de um curta-documentário.

O documentário propõe abordar o tema de forma interativa e atual. Atribuiu-se o nome de “Música eletrônica – Por trás da cena” para o produto final. Ele apresenta entrevistas com nomes que atuam neste meio e possuem experiência com o mesmo, trazendo um pouco da história e da atualidade sobre o assunto. Aborda ainda a música eletrônica como mercado, motivação social e objeto de preconceito.

Brasília possui alguns nomes expressivos no cenário eletrônico nacional. Os entrevistados são expoentes em suas áreas de atuação ligadas à música eletrônica e possibilitaram a compreensão mais ampliada do objeto, assunto desde documentário. O primeiro entrevistado foi Kranti Pessoa, astrólogo, um dos pioneiros do estilo no Brasil. A segunda, a comunicóloga Thaisa Sabino, responsável pelo projeto social BEM MEB, tratado no documentário, que mostra o outro ângulo de relação da música eletrônica com a sociedade. O terceiro entrevistado, Felipe Caldeira Lobo, empresário do *Disc Jockey Alok Petrillo*, considerado pelo *Ranking House Mag Top 50 DJs*, o número um do Brasil, tratou do tema do ponto de vista mercadológico. Por fim o último entrevistado, João Eduardo Komka, *Disc Jockey* e sócio-proprietário do maior *club* atuante do cenário eletrônico em Brasília, o 5uinto, completa esse panorama da música eletrônica brasileira.

A música eletrônica é constituída por sons criados ou modificados por equipamentos e instrumentos eletrônicos, tais como sintetizadores, computadores ou *softwares* de produção. Segundo Sekeff (2002), sua origem vem da Alemanha por volta de 1950, tem como os principais elementos constitutivos o tempo e repetição e suas influências vêm da música erudita. Pode-se dizer que alterou o que

é considerado “música” no momento em que qualquer tipo de som passou a ser reconhecido como objeto de composição em um processo de criação. É considerada uma linguagem universal, devido ao fato da presença de letra ser relativa, e não impedir que a música seja compreendida por qualquer pessoa.

O fato de que a música seja independente de línguas (com a notável exceção das letras das canções) evidentemente facilitou esse fenômeno de rompimento do isolamento. Se a escrita descontextualizava a música, sua gravação e reprodução criam progressivamente um contexto sonoro mundial... E os ouvidos que lhe correspondem (LÉVY, 2000, p. 138).

Existe uma carência de publicações brasileiras e pesquisas sobre o tema “música eletrônica”, na contramão ao público consumidor deste mercado que cresce constantemente. Grande parte da informação deste mundo é transmitida por meio de *sites*, *blogs* e redes sociais. Três portais de notícias ativos podem ser citados: *ElectroMag*, *DJSound* e *HouseMag*, sendo o último responsável pela única mídia impressa destinada exclusivamente à cultura *dance* e eletrônica no país.

A ideia de fazer o documentário foi criar um canal que pudesse trazer informação para o público a respeito de como é viver desse tipo de música, promovendo uma reflexão sobre o crescimento, rotina e problemas que existem nesse mercado da música eletrônica. Por ser uma mídia audiovisual, os documentários possuem facilidade em transmitir a mensagem ao receptor.

O documentário é um conteúdo tradicionalmente de mídia televisiva ou cinematográfica, com os avanços da tecnologia estende-se também para a Internet, veículo que atualmente é um dos mais requisitados a procura de informação. Fernão Pessoa Ramos (2008) define o termo como uma narrativa construída por meio de “imagens-câmera”, elementos estéticos e fala. Entre as várias definições estudadas do que é um documentário existe um debate sobre ficção e não-ficção, se o mesmo é verdade. Na teoria não existe verdade absoluta, pois assim como na história a informação é uma representação que não necessariamente é igual aquilo que ela transmite.

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou

representam os pontos de vista de indivíduos, grupos ou instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. (NICHOLS, 2001, p. 30)

1.1 Justificativa

O tema foi escolhido com base na atualidade da música eletrônica no contexto cultural mundial e, tendo em vista que, em apenas alguns anos, conquistou um enorme número de adeptos no Brasil, faz-se necessário o lançamento de produções e publicações acadêmicas que trabalhem dentro deste segmento que cresce a largos passos. Tais fatores justificam a produção do documentário. Ressalta-se que este autor é DJ e produtor musical, o que é algo intrínseco a este interesse pelo assunto abordado.

O formato escolhido para o desenvolvimento de um produto audiovisual dirigido ao público-alvo e que atendesse aos objetivos e finalidades propostos foi o de um documentário, por este possuir o diferencial de transmitir o conteúdo e ser veiculado em uma mídia de grande visibilidade como a Internet, veículo que atinge um vasto público de qualquer idade.

1.2 Objetivo geral

Produzir um documentário cujo tema central é o cenário da música eletrônica no Brasil, sendo abordados diversos aspectos tais como: histórico, cultural, mercadológico e social.

1.3 Objetivos específicos

- Inteirar-se e analisar o tema com mais apreço e profundidade;
- Atingir novos olhares e públicos para as oportunidades em ascensão e a evolução do cenário mercadológico eletrônico atual;
- Adquirir noções básicas de filmagem e edição.

Este relato constitui-se como uma memória do trajeto percorrido até a elaboração do produto final. Ele é composto de três partes, além desta introdução. A primeira parte, intitulada Referencial Teórico, são abordados os seguintes assuntos: O conceito, a história, os subgêneros, as sensações e o mercado da música eletrônica, que permitiram uma melhor compreensão do tema trabalhado. A segunda parte, chamada de Metodologia, mostra gradativamente as ações, recursos e desafios para realizar o documentário. Por fim, nas Considerações finais é apresentado como e porque que os objetivos do trabalho foram alcançados e as dificuldades encontradas durante a realização do produto e desta memória.

Há que se considerar que o produto final foi elaborado em conjunto com outro graduando, Francisco Dutra Pimenta, também estudante do Uniceub no curso de Publicidade e Propaganda. Para melhor organização do trabalho, dada a amplitude de possibilidades para o desenvolvimento do mesmo, optou-se pela divisão de abordagens em duas frentes, cabendo a Gabriel Abrão da Silva tratar do tema principal do documentário em questão: a música eletrônica.

2 Referencial teórico

O caminho percorrido na fundamentação deste trabalho foi estruturado de forma a permitir ao leitor, mesmo leigo, conhecer o conceito de música eletrônica, parte da sua história, alguns subgêneros, as sensações causadas por ela, bem como outros aspectos sociais, culturais e mercadológicos.

A bibliografia publicada acerca do tema estudado é ainda incipiente, o que acaba por dificultar a abordagem mais científica do assunto. Buscou-se realizar a compilação de alguns trabalhos de maior relevância disponíveis em periódicos de circulação nacional e internacional, portais, blogs, artigos e alguns livros para a confecção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

2.1 Conceito de música eletrônica

O conceito de música eletrônica encontrado em diferentes fontes remete não somente ao gênero musical, mas a qualquer tipo de música criada ou modificada pelo uso de tecnologia e instrumentos eletrônicos, como sintetizadores e *softwares* computadorizados de composição (SOUZA, 2003).

A origem dessa classificação musical é a música erudita e, à medida que se mesclou com estilos musicais populares, ganhou seu espaço de gênero musical próprio com subgêneros, como por exemplo, *Techno*, *Trance*, *House* e outros, que surgiram com o tempo em diversos países, por diferentes culturas (FERNANDES, 2007). Tais subgêneros serão detalhados em uma seção específica.

2.2 História e evolução da música eletrônica

O primeiro instrumento musical eletrônico - o Telarmónio - foi inventado em 1897 por Thaddeus Cahill, engenheiro elétrico norte-americano. O aparelho funcionava a partir da captação de ligações telefônicas, mas acabara por se tornar inviável, visto que este prejudicava os diálogos das chamadas, tinha um tamanho descomunal e era muito complexo de operar (FERNANDES, 2007).

A autora também observa que a Primeira Guerra Mundial igualmente marcou a história da música eletroacústica. Os avanços que se deram em relação a tecnologia foram no sentido de deixar os instrumentos mais acessíveis economicamente e mais compactos. Um exemplo das invenções que se destacaram na época foi o Thérémin, o qual tinha dois sensores de movimento que controlavam a amplitude (volume do som) e a altura (frequência).

Na realidade, o som eletrônico é capaz de fazer o que nunca qualquer outro instrumento ou qualquer som tradicional fora é capaz. Pode simular, reproduzir, criar atmosferas, gerar múltiplas subdivisões... é capaz, enfim, de reproduzir todos os sons da natureza, desde aqueles do universo fetal até o som das esferas (SEKEFF, 2002, p.87).

Souza (2003) aponta que no início do século XX, surgiu um grupo que trazia como principal ideal a livre expressão artística, cujos participantes vieram a se relacionar com a música, trazendo formas não convencionais de produção e harmonização.

O Futurismo, idealizado pelo poeta italiano Filippo Marinetti, espalhou-se não somente no ramo musical, mas por todas as vertentes artísticas. A obra *The Art of Noises*, de Luigi Russolo, em meados de 1910, esteve presente nesse contexto artístico. No livro o autor propõe a música ser produzida a partir de sons e ruídos do meio-ambiente.

Na verdade, a natureza é normalmente silenciosa, com exceção de tempestades, furacões, avalanches, cascatas e alguns movimentos telúricos excepcionais. É por isso que o homem estava completamente espantado com os primeiros sons que obteve fora de um furo em palhetas ou uma corda esticada (RUSSOLO, 2004, p. 4).

O reestabelecimento econômico proveniente da Segunda Guerra Mundial fez com que os avanços sobre a tecnologia fossem abundantes, afetando diretamente o progresso da música eletrônica. Partindo desse ponto, surgiram duas correntes que defendiam a música eletroacústica de maneiras diferentes, e que perduraram até o fim do século XX: *Musique Concrète* e *Elektronische Musik* (SOUZA, 2003).

O autor escreve que o pioneiro do conceito *Musique Concrète* foi o francês Pierre Schaeffer, cujas experimentações musicais partiam da gravação e

transformação de ruídos e sons do meio-ambiente afim de não utilizar instrumentos eletrônicos. No início, as primeiras composições não chegavam a parecer música. Tempos depois, Schaeffer em parceria com Pierre Hanry e Jacques Poullin, produziram, em 1958, as primeiras melodias aceitáveis sonoramente. As composições *Symphonie pour un homme seul* e *Orpheé 51* foram as que mais marcaram essa frente.

À medida que os instrumentos eletrônicos foram ganhando mais espaço, os princípios de *Musique Concrète* foram se tornando ultrapassados. Novos estúdios começaram a utilizar computadores ou outros instrumentos eletrônicos, o que levou a uma aproximação do conceito de *Elektronische Musik*. Brun Hambauss, Heiss e Kagel foram alguns criadores e compositores dessa corrente que se diferenciava do movimento francês, permitindo o uso de instrumentos eletrônicos, cujo avanço completou o desenvolvimento da música eletroacústica até a década de 1960 (FERNANDES, 2007).

Em meados dessa mesma década, o acesso a sintetizadores e computadores ainda era muito difícil pelo seu valor e complexidade, fazendo com que as pessoas que quisessem estudar a música partissem de métodos antiquados, como os princípios da *Musique Concrète*. Com isso, os compositores começaram a fazer pesquisas para criarem seus primeiros sintetizadores pessoais. Morton Subotnick criou o primeiro sintetizador chamado Buchla em 1963 e, no ano seguinte, Robert Moog criou o primeiro sintetizador pessoal que tinha teclado (RATTON, 2002).

A popularização da música ocorreu naturalmente à medida que o acesso a computadores e sintetizadores pessoais foi se tornando mais viável. A primeira relação da música eletrônica com um grande meio de comunicação foi quando a música do compositor australiano Ron Grainer foi tema do seriado de ficção britânico *Doctor Who*, no final de 1963 (FERNANDES, 2007).

Surge então, a música industrial, quando os novos estilos do gênero “música eletrônica” começaram a aparecer pelo mundo, como o *Techno*, *Eletro*, *House*, *Psytrance* e muitos outros.

2.2.1 História e evolução da música eletrônica no Brasil

Em terras tropicais, a música eletrônica demorou um período de tempo até se consolidar. De acordo com Neptune (2004), nos anos 50, o compositor Reginaldo de Carvalho, o primeiro brasileiro a produzir uma obra eletroacústica, foi estudar música na França e realizou um estágio com Pierre Schaeffer. Quando voltou ao Brasil na década de 1960, conheceu Jorge Antunes, outro pioneiro da música eletrônica, e juntos fizeram as primeiras peças brasileiras que continham esse tipo de música. Entre elas, *Pequena Peça para Mi Bequadro e Harmônicos* em 1961, e *Valsa Sideral* em 1962.

No início da década de 1960, Brasília torna-se um centro de concentração para os novos compositores envolvidos com a música experimental com a possibilidade de desenvolver iniciativas, entre elas a de um estúdio para a concretização de projetos ligados à música eletroacústica, também com fins didáticos.

Reginaldo Carvalho, que se muda em 1960 para a recém-construída capital, chega a formar um núcleo para esse fim que envolve o Centro de Estudos Musicais Villa-Lobos, os Departamentos de Música e de Eletrônica da Universidade e a Radio Educadora onde realiza algumas peças, entre elas mais dois estudos envolvendo diferentes materiais (MAUÉS, 1989, p. 03).

Graças à posição tradicionalista das escolas de música no Brasil e ao preço caro dos sintetizadores e computadores, os artistas brasileiros levaram mais tempo para se desenvolver. Só a partir dos anos 70 percebe-se um crescimento na produção da música eletroacústica no país e também surgem os primeiros cursos relacionados ao assunto nas universidades brasileiras (FERNANDES, 2007).

Neptune (2004) mostra que em meados de 1990 a produção de música eletroacústica se expande por todo o país. O estúdio PANaroma é um exemplo desse avanço, uma parceria entre a UNESP e a Faculdade Santa Marcelina, que fizeram pesquisas e criações a respeito da música eletrônica.

A NUCOM (Núcleo de Computação e Música), organizada por Aluísio Arcela, Eduardo Mirando, Geber Ramalho e Maurício Loureiro é outro exemplo da época de grande relevância que promoveu o contato de compositores e músicos brasileiros com o mercado europeu, além de dar início a computação musical no Brasil. Além destes, é importante citar os Encontros de Música Eletroacústica, realizados por Jorge Antunes, Bienais Internacionais de Eletroacústica e outros (PINTO, 2002).

A situação atual da música eletrônica é de total ascensão. A facilidade de acesso à informação e avanços tecnológicos cada vez maiores fizeram com que uma nova geração, com mais recursos, surgisse interessada nesse universo eletrônico, inclusive em nível internacional. Tais iniciativas surgiram, sobretudo, de compositores insatisfeitos com o caos das artes no Brasil, o que faz com que vários deles deixem o Brasil rumo aos Estados Unidos, Canadá e Europa, já que nesses países existe uma política para o desenvolvimento das artes, permitindo que centros de pesquisa sejam modernamente equipados para a melhor aplicação das técnicas eletroacústicas (MAUÉS, 1989).

2.3 Subgêneros da música eletrônica

A criação dos subgêneros da música eletrônica popular pelo mundo acelerou o processo de introdução ao estilo na indústria musical, fazendo com que a música começasse a ser entretenimento nas casas noturnas. A partir de tais avanços, a música eletrônica passa a ser algo dançante, com batidas aceleradas e percussões ritmadas (NEPTUNE, 2004). Alguns subgêneros serão especificados a seguir com base na obra *Dance Music Manual*, de Rick Snoman (2004)¹.

O *Techno* é um estilo da música eletrônica com origem alemã, mas criado em *Detroit*, uma cidade dos EUA. Surgiu na década de 1980, e antigamente o termo era utilizado para descrever qualquer subgênero da música eletrônica dançante. A banda alemã *Kraftwerk*, batizou *Techno* para descrever como eles faziam música *pop* através de instrumentos eletrônicos e tecnologia. Tal iniciativa fez com que a música se tornasse mais acessível ao público (SNOMAN, 2004).

¹ Esta seção foi inteiramente escrita com base na única obra acadêmica encontrada acerca dos subgêneros

O autor também mostra que existem opiniões divergentes a respeito de quando o gênero se popularizou mundialmente. Para alguns, o fato se concretizou em 1981 com lançamentos como “*Shari Vari*” de *Number of Names*, “*I feel love*” e “*Techno City*” do grupo *Cybotron*. Outras pessoas acreditam que foi através da criação *The Belleville Three*, um trio de universitários de *Detroit* inspirados na rádio *Midnight Funk Generation*, que tocava artistas europeus como *Kraftwerk*, *Tangerine Dream* e *George Clinton*.

Outro estilo da música eletrônica é o chamado *Trance*. O subgênero surgiu na Alemanha, na década de 1990. Um projeto composto por dois DJ, Dag e Jam El Mar, chamado *Dance2trance*, lançou a primeira música que foi considerada do gênero *Trance*, “*We came in Peace*”. Possui melodias feitas por sintetizadores e uma forma musical progressiva. A causa do nome é pelo estilo ter uma característica que leva as pessoas ao estado de transe (SNOMAN, 2004).

A “alma” das máquinas tem sido sempre uma parte de nossa música. *Trance* pertence à repetição e toda mundo está à procura de transe na vida, no sexo, no emocional, no prazer... Então, as máquinas produzem um transe perfeito (HUTTER *apud* SNOMAN, 2004, p. 287).

De acordo com Snoman (2004), o subgênero *House* nasceu no começo dos anos 70 e vem da evolução do *Disco*, gênero que já era popular nos clubes de dança da época. Alguns produtores renomados como Nile Rodgers, Quincy Jones e Tom Moulton começaram a se afastar dos padrões usuais de gravações e produções, trazendo artistas do *Funk* com seus vocais e instrumentos na tentativa de criar um estilo comercializável.

Com o passar dos anos, o *House* se tornou o subgênero com mais destaque na história da música eletrônica mundial, gerando várias vertentes que eram classificadas por cultura, localidade e sonoridade. Algumas delas são: *Acid House*, *Deep House*, *UK House*, *Euro House* e outros (FERNANDES, 2007).

2.4 Sensações e emoções

Música de uma forma geral causa sensações e sentimentos no ser humano. Uma canção que remete à saudade, outra que remete à alegria ou à tristeza. Porém, fora comprovado, a partir de testes feitos pelo cientista John Sloboda em 1985, que independente daquilo que o ser humano esteja vivendo, sua relação emocional com qualquer música está ligada diretamente aos efeitos que ela causa no sistema nervoso. Quando os padrões musicais encontrados em certa composição mudam, o *Núcleo Accumbens*, parte do cérebro relacionada à prazer e recompensa, recebe uma substância chamada de *Dopamina* (neurotransmissor responsável pelo controle de emoções) (VERZARO, 2012).

Para Bruscia (2000), a música é uma experiência receptiva em que o indivíduo pode ter três tipos de reações: responder de forma silenciosa, verbalmente ou por meio de outra modalidade. Tais modalidades seriam as emoções, sentimentos, reações de humor ou tristeza e, quando uma música quebra as expectativas esperadas por alguém, o sistema nervoso simpático (responsável por ações como aceleração do batimento cardíaco após uma corrida) faz com que o coração comece a acelerar e a partir daí, interpreta-se esse estado de excitação como de felicidade ou tristeza.

As sensações causadas pela música podem ser também influenciadas por experiências ou histórias individuais, mas que estão de alguma forma ligadas ao conteúdo musical. A música provoca inúmeras sensações fisiopsicológicas que se formam a partir de alguma experiência já vivida (DUARTE, 2014).

A emoção musical procede de uma dinâmica de forças, como no campo da física, e a conduta do homem pela emoção se caracteriza como um fenômeno tanto orgânico quanto psíquico. O resultado é uma forma de comportamento, e, como tal, pessoal. Envolvendo um conteúdo ativo (motor), intelectual (mental), afetivo (psicológico), e tributário dos sistemas de percepção (auditivo, sistema de percepção interna, sistema tátil, visual), tanto quanto da reação do sistema nervoso com o endócrino, o conteúdo ativo se traduz, na emoção musical, numa reação ao objeto apresentado ou representado (formas sonoras em movimento); o conteúdo intelectual diz respeito a conhecimento, objeto da emoção, e o afetivo remete à emoção propriamente dita, exprimindo na acepção ampla desse termo os valores que a situação vivenciada significa para o sujeito (SEKEFF, 2007, p. 59).

Partindo dessa ideia, Duarte (s.d) afirma que uma obra musical não pode causar efeitos que sejam considerados universais, visto que cada pessoa produz sensações relacionadas à sua história, experiências, contexto social e que se relacionam também com sua interpretação pessoal do objeto musical. Uma mesma música pode causar diferentes sensações em uma pessoa pelo momento ou situação da vida em que ela se encontra.

Para a autora, a música do século XX pode ser caracterizada por:

[...] novos meios de composição e uma abrangência quase ininteligível da concepção musical, mas que exprime a demanda do sujeito contemporâneo em quebrar paradigmas anteriores e se elevarem a uma autonomia exigida pela realização de libertação. Nesse sentido, a música de vanguarda (serialismo, atonalismo, dodecafonismo, minimalismo, música concreta, eletrônica, pontilhista, aleatória e microtonal) é a expressão emocional própria do século XX e a aparente aversão e estranheza que elas despertam não é fruto de sua incompreensibilidade, mas exatamente do fato de serem demasiadamente bem compreendidas (DUARTE, s.d, p. 09).

A progressão e a aceleração graduais do ritmo pode levar o ouvinte a um transe hipnótico e distorcer o sentido do tempo. Tal impacto pode regular processos fisiológicos, harmonizar a taxa cardíaca e sintonizar a química cerebral de forma semelhante (VERZARO, 2012).

A dissociação entre mente e corpo, percebidas em algumas situações, pode levar a diferentes resultados. Para algumas pessoas pode levar ao pensamento com clareza, enquanto para outras pode fazer exatamente o contrário.

A música pode ser um alívio para os pensamentos constantes que assolam a mente e fatalmente acabam em fardo, problemas e stress. O poder da música sobre os estados de consciência, em última análise é totalmente subjetivo. A música eletrônica é, portanto, um veículo através do qual se pode transcender em sua própria realidade para perder-se em uma força maior (VERZARO, 2012, p.01).

2.5 Mercado

Alguns anos se passaram desde que a música eletrônica tornou-se alvo de grandes produtores e empresários de todo mundo. O Brasil não fica fora disso, se tornando um dos maiores polos do gênero eletrônico mundial. De acordo com a reportagem do site G1 (Portal de notícias da Globo), publicada em junho de 2015, a indústria eletrônica foi consumida por mais de 28 milhões de brasileiros e movimentou R\$ 3,1 bilhões, em 2014, no país. Isso demonstra um mercado promitente e próspero para investidores e profissionais dos diversos segmentos ligados à arte e cultura, fazendo com que grandes marcas internacionais queiram trazer seus eventos e festivais para terras brasileiras.

O EDC (*Electric Daisy Carnival*) é um exemplo disso. Um festival de música eletrônica que acontece em Las Vegas, Estados Unidos, reuniu cerca de 300.000 pessoas em seu último evento e fará uma edição esse ano no Brasil, nos dias 04 e 05 de dezembro. Além deste, a marca *Tomorrowland* da Bélgica realizou seu festival no interior do estado de São Paulo em Maio de 2015, onde 180 mil pessoas participaram da celebração. Marcas como o *Rock in Rio* e *Lollapalooza* que tem como vertente principal o Rock, também estão investindo no cenário eletrônico, criando uma pista do estilo em suas edições. Todos esses exemplos mostram como a música eletrônica está cada vez mais em ascensão e entrelaçada com o público brasileiro, e que reflete positivamente na economia do país (INDÚSTRIA..., 2015).

A reportagem publicada em setembro de 2014, pelo Ministério do Turismo, mostra que, com a realização desses grandes eventos no Brasil, leva a uma grande movimentação não só de brasileiros, mas também de estrangeiros por todo o país. Tal fato acaba movimentando as indústrias alimentícias, hoteleiras e transportes das cidades que recebem essas realizações. Vale ressaltar também a quantidade de emprego que é gerado, em função da quantidade de trabalho e equipe que são necessários para se organizar uma festa desse porte.

Esse crescimento do cenário eletrônico, em âmbito mundial, faz com que os DJ, profissão que está diretamente ligada a esse tipo de festa, sejam muito bem pagos. A revista americana *Forbes*, listou os DJ mais bem pagos do ano de 2014. O britânico Calvin Harris, o primeiro da lista, arrecadou, neste ano, cerca de US\$66 milhões de dólares. Outros artistas como David Guetta e Steve Aoki arrecadaram em média US\$25 milhões de dólares em um ano (FIRAS, 2014).

Esses acontecimentos mostram o quanto a música eletrônica cresceu e ainda tem para crescer na sociedade e a rentabilidade do estilo para a economia mundial como um todo, por alavancar diversos segmentos de interesse público a partir da realização de seus grandes eventos.

3 Metodologia

O planejamento para o desenvolvimento do trabalho foi flexível e determinado pelos interesses dos estudantes envolvidos, do fenômeno estudado, dos entrevistados escolhidos e do produto final. Considerou-se necessário descrever as características e explicar, à luz da teoria, o objeto da pesquisa para, posteriormente, realizar o objetivo final de produzir um curta documentário que abrangesse toda a temática.

Este autor interessou-se pelo tema há cerca de seis anos, quando foi à primeira festa do estilo. A partir de então, despertou a vontade do aprofundamento e estudo da música eletrônica para atuar profissionalmente na área, como *Disc Jockey* e produtor musical. Vários cursos, *workshops* e palestras foram realizados, bem como a compra de equipamentos que possibilitassem ingressar no mundo profissional do ramo. Ao longo da graduação, foi buscada a integração do tema música eletrônica com a formação de publicitário.

Ao cursar a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa, em conversa com Francisco Dutra Pimenta, outro aluno da matéria e parceiro neste projeto, decidiu-se desenvolver um produto cujo tema fosse o assunto em questão. O projeto inicial era de realizar uma revista impressa acerca da música eletrônica. Mas, no decorrer da matéria, foi percebida a necessidade de fazer outro tipo de produto, já que o interesse do colega estava vinculado à produção de um documentário.

Após a decisão do formato do produto final, realizou-se o planejamento do mesmo. Dividiu-se em quatro etapas: (i) escolha dos entrevistados, (ii) definição das pautas das entrevistas, (iii) filmagem e (iv) edição. A seguir será detalhado cada um dos procedimentos metodológicos.

3.1 Escolha dos entrevistados

A escolha dos entrevistados foi baseada no enfoque definido na introdução deste trabalho, qual seja: abordar o tema sob o aspecto cultural, social e mercadológico. Nesse sentido, buscou-se nomes de relevância para o cenário

eletrônico brasileiro, que pudessem contribuir para os temas escolhidos para compor o produto final.

No âmbito histórico-cultural, foi escolhido **Kranti Pessoa**, astrólogo, produtor de eventos e pioneiro do gênero *Psytrance* da música eletrônica no Brasil. A sua participação permitiu apresentar o início da cultura eletrônica no país.

Para abordar a questão social e apresentar uma possibilidade de conexão do gênero com a sociedade, convidou-se **Thaís Sabino**, comunicóloga e idealizadora do projeto social BEM MEB. Ela foi escolhida para dar luz ao tema por ser uma das precursoras nesse tipo de projeto (ação voltada para o cunho social). O projeto consiste em realização de festas sem venda de ingressos, realizadas em espaços públicos de Brasília, com fins filantrópicos (os ingressos são substituídos pela doação de gêneros alimentícios, roupas, entre outros, para distribuição à população carente).

Com relação à questão mercadológica, foram convidados dois empresários, **Felipe Caldeira Lobo** e **João Eduardo Komka**. O primeiro, proprietário da marca *UP Club* (produtora de eventos, gravadora musical e agência de artistas) e produtor do DJ Alok, eleito o melhor do Brasil pelo *ranking Top 50 House DJ Mag*. Já João Komka trouxe a visão de quem mantém o único empreendimento tradicional de música eletrônica em Brasília, o *Club 5uinto*.

3.2 Definição das pautas

As pautas das entrevistas buscaram atender às características dos perfis escolhidos. Algumas questões foram comuns aos quatro entrevistados por se tratarem de assuntos abordados dentro do produto final, e outras foram individuais, tendo em vista a especificidade de cada entrevistado.

Partindo dessa ideia, estabeleceu-se uma ordem cronológica dos assuntos a serem tratados no documentário: (i) a história da música eletrônica, (ii) o projeto social, (iii) o mercado, o preconceito e as sensações causadas pelo gênero. Tal ordem foi utilizada para a construção de uma trajetória dentro do produto, já que o mesmo foi construído sem a utilização de um roteiro.

Kranti Pessoa é o entrevistado que tem sua especificidade no contexto histórico da música eletrônica. Por essa razão, foi dado o enfoque em sua participação nesse tema. A comunicóloga Thaisa Sabino participou mais ativamente na relação da música eletrônica com o projeto social (BEM MEB), idealizado pela própria. Felipe Lobo e João Eduardo Komka contribuem com a questão mercadológica por estarem totalmente inseridos no mercado da música eletrônica.

3.3 Filmagem

As gravações foram realizadas em quatro dias diferentes, um para cada entrevistado, e sempre acompanhadas pela equipe técnica do Uniceub, que auxiliou com os equipamentos e serviços na instituição. As entrevistas foram gravadas em locais diferentes, na tentativa de associar o espaço de gravação com o enfoque atribuído a cada um deles.

A primeira filmagem foi feita com Thaisa Sabino, no dia 07 de Outubro de 2015, por volta das 19 horas, no Museu da República. A escolha do local foi baseada no tema que ela tratou no documentário: a questão social. Um espaço público, pois é onde são realizados os eventos do projeto social da entrevistada, o BEM MEB. O tempo de duração foi aproximadamente uma hora.

No dia 19 de Outubro de 2015, realizou-se a segunda gravação do produto com o empresário Felipe Caldeira Lobo. A entrevista, inicialmente, estava marcada para o dia 14 do mesmo mês, mas por um imprevisto por parte do entrevistado, o compromisso precisou ser remarcado. A gravação foi executada no escritório da produtora da qual ele é sócio e durou cerca de quarenta minutos.

Kranti Pessoa, por sua vez, teve a entrevista mais extensa, com duração aproximada de três horas. Tal fato se deu pelo conteúdo que o entrevistado discutiu dentro do produto final: o contexto histórico da música eletrônica. A filmagem foi realizada no dia 23 de Outubro de 2015, na Praia do Cerrado, um espaço à beira do Lago Paranoá, em frente ao Pontão. Por sua origem ser do subgênero *Psytrance*, em que as festas acontecem em lugares mais afastados da cidade, tais como fazendas e ambientes próximos da natureza, justificou-se a escolha do local de gravação.

O último entrevistado a ser gravado foi João Eduardo Komka, que também contribuiu para o contexto mercadológico do documentário. A filmagem aconteceu no dia 28 de Outubro de 2015, no 5uinto Bar, empreendimento que ele é um dos proprietários. Infelizmente, neste dia também aconteceram alguns imprevistos que diminuiriam a qualidade do trabalho. Houve um erro técnico, em que o entrevistado saiu desfocado em toda a gravação, além do som ambiente ter dificultado a captação de áudio.

3.4 Edição

Após todas as gravações concluídas realizou-se o processo de decupagem², em que foram selecionadas todas as imagens e falas que iriam compor o documentário. Tal processo, bem como toda a edição do produto, seria realizado na ilha de edição do Uniceub juntamente à equipe técnica da instituição, mas por falta de disponibilidade de horários para utilização do equipamento institucional, em função da alta demanda de alunos, optou-se por contatar outra pessoa para auxiliar no processo de edição.

O editor escolhido foi Lucas Hamann, publicitário, com vasta experiência no ramo de edição de vídeos. Vale dizer que Lucas é um grande amigo do autor, o que justifica seu aceite em participar desta árdua tarefa.

Foram 12 horas seguidas para concluir toda a edição do documentário. Dentro desse processo, também foi feita a pesquisa de imagens, bem como a seleção das músicas que compuseram a trilha sonora do documentário. Tais tarefas foram responsabilidade deste autor.

² Decupagem (do francês *découpage*, derivado do verbo *découper*, recortar) significa, originalmente, o ato de recortar, ou cortar dando forma. Em cinema e audiovisual, decupagem é o planejamento da filmagem, a divisão de uma cena em planos e a previsão de como estes planos vão se ligar uns aos outros através de cortes.

4 Considerações Finais

Este trabalho atingiu os objetivos propostos no início desta memória, quais sejam realizar um curta-documentário sobre a música eletrônica e conhecer mais profundamente o tema em questão, as suas possibilidades e dificuldades perante a sociedade e ao mercado de trabalho. A intenção de produzir um documentário foi apresentar para pessoas leigas sobre o assunto um pouco mais da cultura eletrônica, na tentativa de atingir novos olhares para as oportunidades em ascensão e a evolução desse estilo dentro da sociedade.

Não se espera conclusões definitivas sobre o assunto em tela, mas sim oferecer algumas considerações que o percurso permitiu revelar. Com relação ao mercado, foi possível perceber que existem inúmeras oportunidades para trabalhar dentro deste meio e que ele está em constante evolução, movimento cifras consideráveis aos olhos capitalistas. Na confecção do produto final, foi possível adquirir conhecimentos básicos de filmagem e edição, que agregaram ainda mais a formação acadêmica do autor.

Embora a questão do preconceito e o consumo de drogas façam parte do contexto da música eletrônica, eles não foram objeto de estudo neste trabalho, embora os entrevistados do documentário tenham abordado a questão, já que existe a impressão não comprovada, mas muito difundida, de que o consumo de substâncias ilícitas esteja relacionado ao estilo musical.

Algumas dificuldades permearam o percurso para se concluir o trabalho. A ausência de material científico acerca do assunto obstaculizou a realização de uma pesquisa bibliográfica mais consistente. O curto tempo, embora seja conhecido desde o princípio, é um limitador de possibilidades, já que, à medida que se mergulha no tema, vão surgindo outras vertentes que acabam atraindo a atenção e despertando o interesse para abrir o leque, o que não pode acontecer ou não se chega ao fim.

Não se esgota um tema tão amplo e ainda tão pouco explorado em um único trabalho. Espera-se que outros estudantes se interessem pelo assunto e possam contribuir com outras percepções e visões.

REFERÊNCIAS

- DUARTE, Jordanna Vieira. *Música e emoção: sensibilidades e sentidos*. 2014. Disponível em: <http://www.academia.edu/2049560/M%C3%BAsica_e_emo%C3%A7%C3%A3o_sensibilidades_e_sentidos>. Acesso em: 30 Out. 2015.
- FERNANDES, Cláudia. *Universo Eletrônico*. 2007. Disponível em: <www.arteesociedade.com/UNIVERSOELETRONICO.htm>. Acesso em: 07 Set. 2015.
- FREITAS, Firas. *Os DJ mais bem pagos do mundo em 2014, segundo a Forbes*. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/os-dj-mais-bem-pagos-do-mundo-em-2014-segundo-a-forbes>>. Acesso em 07 Nov. 2015.
- INDÚSTRIA da música eletrônica movimenta R\$ 3,1 bilhões no Brasil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/06/industria-da-musica-eletronica-movimenta-r-31-bilhoes-no-brasil.html>>. Acesso em 04 Nov. 2015.
- JOURDAIN, Robert. *Música, Cérebro e Êxtase: como a música captura nossa imaginação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- LAVOR, Amanda. *Como os eventos musicais movimentam o turismo no país*. 2014. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/3395-como-os-eventos-musicais-movimentam-o-turismo-no-pais.html>>. Acesso em: 02 Nov. 2015.
- LÉVY, Pierre. *Cybercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAUÉS, Igor Lintz. *Música eletroacústica no Brasil*. 1989. Disponível em: <<http://luiz.host.sk/musica/textos/igor.html>>. Acesso em: 12 Out. 2015.
- NEPTUNE, Nordahl Christian. *Música eletroacústica brasileira*. 2004. Disponível em: <www.sonora.iar.unicamp.br/sonora1/artigos_pdf/MusicaEletroacustica.pdf>. Acesso em: 12 Out. 2015.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus, 2001.
- PINTO, Theophilo Augusto. *Voos abortados de uma pesquisa frutífera*. 2002. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27140/tde-12122014-173009/publico/Musica_e_Eletronica_no_Brasil__Theophilo_Augusto_Pinto_2002.pdf>. Acesso em: 07 Set. 2015.
- RATTON, Miguel. *Tecnologia dos instrumentos musicais eletrônicos*. Série de artigos: Tecnologias utilizadas nos instrumentos musicais eletrônicos. 2002. Disponível em: <www.music-center.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=91:tecnologia-dos-instrumentos-musicais>. Acesso em: 15 Out. 2015.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música: seus usos e recursos*. São Paulo: Unesp, 2002.

SLOBODA, John. *Exploring the musical mind: Cognition, Emotion, Ability, Function*. Nova York: Oxford University. 2005.

SNOMAN, Rick. *Dance Music Manual – Tools, toys and techniques*. Amazon.in Kindle Store: Focal Press, 2004.

SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. *Música eletrônica e cibercultura: ideias em torno da socialidade, comunicação em redes telemáticas e cultura do dj*. 2003. Dissertação de Mestrado. UFBA – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <www.academia.edu/2176288/M%C3%BAAsica_eletr%C3%B4nica_e_Cibercultura_Ideias_em_torno_da_socialidade_comunica%C3%A7%C3%A3o_em_redes_telem%C3%A1ticas_e_cultura_do_dj_>. Acesso em: 12 Set. 2015.

TAVARES, Levi de Paula. *Os efeitos da música sobre a mente e o corpo*. 2012. Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/29195/os-efeitos-da-musica-sobre-a-mente-e-o-corpo/>>. Acesso em: 02 Nov. 2015.

VERZARO, Mariana. *A música e a emoção – Por que algumas músicas nos fazem chorar?* 2012. Disponível em: <<http://mverzaro.com.br/archives/579>>. Acesso em: 03 Nov. 2015.

APÊNDICE A – MODELO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**Autorização de uso de imagem**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário “Música Eletrônica – Por Trás da Cena”. O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Brasília/DF, ____ de Novembro de 2015

Assinatura

NOME:
ENDEREÇO:
CIDADE:
RG:
CPF:
TELEFONE:

**APÊNDICE B – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA
PELO ENTREVISTADO KRANTI PESSOA**

Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário "Música Eletrônica – Por Trás da Cena". O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Brasília/DF, 16 de Novembro de 2015


 Assinatura

NOME:	ANTÔNIO CARLOS PESSOA RIBEIRO
ENDEREÇO:	SQS 303 - H-404
CIDADE:	BRASILIA - DF
RG:	694.302 - SSP DF
CPF:	450 519 766 20
TELEFONE:	9249 9197

**APÊNDICE C – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA
PELA ENTREVISTADA THAÍSA SABINO**

Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário "Música Eletrônica – Por Trás da Cena". O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Brasília/DF, 16 de Novembro de 2015



Assinatura

NOME:	THAISA LARA PONTES SABINO
ENDEREÇO:	SHCGN 707 C AP 302
CIDADE:	BSB
RG:	10070502 SSP/MG
CPF:	037318546-43
TELEFONE:	061 8271 6206

**APÊNDICE D – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA
PELO ENTREVISTADO FELIPE CALDEIRA LOBO**

Autorização de uso de imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso e veiculação da minha Imagem no documentário "Música Eletrônica – Por Trás da Cena". O documentário realizado pelos alunos Francisco Dutra Pimenta e Gabriel Abrão da Silva e orientado pela professora Doutora Claudia Maria Busato, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O trabalho foi feito junto à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Brasília/DF, 16 de Novembro de 2015



 Assinatura

NOME:	FELIPE CALDEIRA LOBO
ENDEREÇO:	QUADRA 204, RUA 13 SUL, BLOCO B, ESCRITÓRIO 702 - ÁGUAS CLARAS, BRASÍLIA-DF
CIDADE:	BRASÍLIA - DF
RG:	2472833
CPF:	01955492107
TELEFONE:	98096556

**APÊNDICE E – CÓPIA DA AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ASSINADA
PELO ENTREVISTADO JOÃO EDUARDO KOMKA**

APÊNDICE F – PAUTA DA ENTREVISTA COM KRANTI PESSOA

1. Qual foi o seu primeiro contato com a música eletrônica?
2. O que você identifica de mudanças no cenário desde a sua iniciação para os dias atuais?
3. Em que momento você decidiu deixar de ser apenas consumidor, mas também investir e trabalhar neste mercado?
4. Como é administrar um negócio no ramo do entretenimento?
5. O que é o FAK? Quais são os objetivos e metas do projeto?
6. Como surgiu a ideia?
7. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo relacionados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo desses eventos?
8. A música eletrônica é algo visceral, muitas vezes sem letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora, física, mental e emocionalmente?
9. Muitos estilos musicais tiveram um momento de ascensão e depois foram deixados pela grande massa. Como você enxerga o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?

APÊNDICE G – PAUTA DA ENTREVISTA COM THAÍSA SABINO

1. Qual foi o seu primeiro contato com a música eletrônica?
2. O que você identifica de mudanças no cenário desde a sua iniciação para os dias atuais?
3. Em que momento você decidiu deixar de ser apenas consumidora, mas também investir e trabalhar neste mercado?
4. Como é administrar um negócio no ramo do entretenimento?
5. O que é o BEM MEB? Como surgiu a ideia? Quais são os objetivos e metas do projeto?
6. Como surgiu esta ideia de relacionar a música eletrônica com um projeto social?
7. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo relacionados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo desses eventos?
8. A música eletrônica é algo visceral, muitas vezes sem letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora, física, mental e emocionalmente?
9. Muitos estilos musicais tiveram um momento de ascensão e depois foram deixados pela grande massa. Como você enxerga o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?

APÊNDICE H – PAUTA DA ENTREVISTA COM FELIPE CALDEIRA LOBO

1. Qual foi seu primeiro contato com a música eletrônica?
2. Em que momento você decidiu deixar de ser apenas consumidor, mas também investir e trabalhar neste mercado?
3. O Brasil se consolidou como um dos polos de música eletrônica mundial, há poucos anos passou a receber uma edição por ano do maior festival do mundo, *Tomorrowland*. O que você identifica que possa ter influenciado para o crescimento desta cena no país?
4. Como funciona a UP Club Records, e quais são as suas funções na empresa?
5. A rotina de um envolvido no mundo do entretenimento costuma ser muito intensa, com constante viagens e festas todos finais de semana. Conte um pouco sobre este dia-a-dia.
6. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo associados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo destes eventos?
7. A música eletrônica pode ser considerada algo visceral, muitas vezes não possui letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora física, mental e emocionalmente?
8. O que você enxerga para o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?

APÊNDICE I – PAUTA DA ENTREVISTA COM JOÃO EDUARDO KOMKA

1. Qual foi seu primeiro contato com a música eletrônica? Como era a aceitação desta vertente na época?
3. O Brasil se consolidou como um dos polos de música eletrônica mundial, ha poucos anos passou a receber uma edição por ano do maior festival do mundo, Tomorrowland. O que você identifica que possa ter influenciado para o crescimento desta cena no país?
4. Em que momento você percebeu a oportunidade para deixar de ser apenas consumidor, mas também investir e trabalhar neste mercado?
5. O 5uinto já existe a 8 anos, e atualmente figura entre os 25 melhores clubes de musica eletrônica do Brasil segundo a HouseMag. Como surgiu esta ideia?
6. A festa se tornou parada obrigatória para os amantes do estilo que vem a Brasília. Quais facilidades e e dificuldades surgiram ao longos dos anos?
7. As festas muitas vezes são associadas ao uso de drogas ilícitas e alguns estereótipos acabam sendo associados. Você percebe que isso afeta de alguma forma o universo destes eventos?
8. A rotina de um envolvido no mundo do entretenimento costuma ser muito intensa. Além do 5uinto, você também está constantemente tocando em outras festas, seja com o projeto solo ou em parceria com a Dj Mari Perreli no projeto Come and Hell. Como você concilia a produção de eventos com a produção musical no seu dia-a-dia?
9. A música eletrônica pode ser considerada algo visceral, muitas vezes não possui letra. Qual é a sua sensação ao ouvi-la? Como você retrata essa sua experiência sonora física, mental e emocionalmente?
10. O que você enxerga para o futuro da música eletrônica no país? O que precisa melhorar para que este movimento evolua e se enraíze cada vez mais na nossa cultura?

APÊNDICE J – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

TEMPO	AUDIO	IMAGEM
00:00-	Música: <i>Dazzo – Isis Castle</i>	Sequencia de festas
00:07- 00:10	*voz-over FELIPE LOBO: A gente vive um momento muito bom na música eletrônica.	Sequencia de festas
00:13- 00:19	*voz-over KRANTI PESSOA: Eu vejo que a música leva a esse estado meditativo, que a gente para de pensar, não tem como o corpo não se envolver.	Sequencia de festas
00:22- 00:26	*voz-over THAISA SABINO: O que a música eletrônica faz, eu acho que nada é capaz de fazer.	Sequencia de festas
00:29- 00:31	*voz-over JOÃO KOMKA: É uma coisa que a gente faz principalmente por amor, à cena, à música.	Sequencia de festas
00:34- 00:40	*voz-over KP: Ele chegou meio anônimo, meio quietinho, meio calado, sem anunciar, sem fazer propaganda.	Sequencia de festas
00:43- 00:54	*voz-over TS: Eu lembro quando eu comecei a frequentar as festas de música eletrônica dava 100, 200 pessoas. Agora você tem mais de 20.000 pessoas.	Sequencia de festas
00:57- 00:59	*voz-over FL: Estão consumindo e estão gostando muito de música eletrônica.	Sequencia de festas
01:02- 01:13	*voz-over JK: A música eletrônica é isso, não precisa de letra para te conduzir numa experiência de som, de prazer e de sensações. É bom	Sequencia de festas

	demais.	
01:16 01:20	Música: <i>Dazzo – Isis Castle</i> (<i>acaba após o título</i>)	Título: Música Eletrônica – Por Trás da Cena
01:22- 02:04	KP: Como que a gente podia definir a música eletrônica? São sons que estão além do espectro dos sons dos instrumentos comuns, de sopro, de percussão e de corda. E ele cria outras sonoridades, sonoridades que a gente nunca tinha ouvido antes. E essas outras sonoridades a gente não consegue traduzir mentalmente com os padrões que a gente já tem. Então ele acaba provocando um “tilt” na mente e levando a pessoa também a um estado de meditação em que a pessoa para a mente, a pessoa não consegue traduzir aquilo ali e apenas sentir, e movimentar com aquilo. É um movimento, como a gente chama, psicodélico, que leva a sair dos padrões mentais e a expansão da consciência.	Kranti falando Identificação: Kranti Pessoa – Pioneiro da Música Eletrônica
02:05- 02:11	FL: Eu acredito que a música eletrônica de você colocar pra fora um pouco da sua energia, dançando do jeito que você quiser, entendeu?	Felipe falando
02:12- 02:40	KP: Ora, os sons de um modo geral eles vem, o grave, o médio e o agudo, através do ar, das vibrações do ar. E entra no nosso ouvido, bate nosso sistema auditivo e gera a vibração que faz o corpo mover. Ai a música eletrônica vem com o subgrave, que é um som que vem pela terra. Ele sobe nos pés das e entra no corpo físico, no osso, e sacode a pessoa. Não há como escapar daquele movimento, daquele ritmo, daquela batida. *02:34 Entra a música com volume baixo (<i>Autobotz – Bass Drop</i>)	Kranti falando
02:40-	Música: <i>Autobotz – Bass Drop</i>	Sequencia de festas
02:52- 02:55	Música: <i>Autobotz – Bass Drop</i>	Subtítulo: Mercado (sobre a sequencia de festas)
02:56- 03:09	KP: Eu fui começar um “rolê” pelo mundo no inverno brasileiro de 89, que era o verão	Kranti falando

	na Europa. E assim que eu cheguei lá meu irmão me mostrou um novo ritmo, que era o que estava “bombando” ai, e me mostrou a música eletrônica.	
03:10-03:16	TS: As primeiras festas não eram festivais como são hoje, eram menores. Apesar de ter alguns shows grandes.	Thaiza falando
03:17-03:22	JK: Eu comecei a ouvir gostava das coisas que passam na MTV. Foi uma evolução até chegar no que eu gosto hoje.	Komka falando
03:23-03:31	TS: Uma coisa que eu me lembro com muita força foi o show do Prodigy em São Paulo. E aquilo foi “uau”, foi muito diferente de tudo que a gente estava ouvindo na época que era rock’n’roll.	Thaiza falando
03:32-03:42	KP: O pessoal que gostava de rock, de pop, de reggae, não gostou. Achava repetitivo e apelidaram a música de bate-estaca. 03:37 entra a musica com volume baixo (<i>The First Stone – Jimi</i>)	Kranti falando
03:43-	Música: <i>The First Stone - Jimi</i>	Sequencia de festas
03:56-03:59	Música: <i>The First Stone - Jimi</i>	Subtítulo: Projeto Social
04:00-05:01	TS: Eu já tinha começado a produzir evento com 17 anos eu já fiz a primeira festa. Alguns anos depois eu acabei montando outro projeto que é o BEM MEB. São eventos que acontecem ocupando sempre uma área publica da cidade. Todos os eventos eles são gratuitos e a gente arrecada roupas, livros sapatos, brinquedos, que nos levamos para uma área muito carente de Brasília que é o Sol Nascente e o Por do Sol. Nesse aspecto social a música eletrônica ainda esta engatinhando. A gente começa a fazer um movimento que nós somos pioneiros. Quando a gente chega lá na comunidade e leva uma doação e conversa com a pessoa e conta por exemplo como que chegou aquele alimento na casa da pessoa, que foi através de música, através de uma festa, é diferente. Porque não tem um objetivo politiquero, é ali de coração que a gente esta fazendo isso. 04:30 entra a música com volume baixo (<i>Gui Boratto – Azzura</i>)	Thaiza falando Identificação: Thaiza Sabino - Produtora de eventos
05:02-	Música: <i>Gui Boratto - Azzura</i>	Sequencia do BEM

05:16		MEB no Parque da Cidade
05:17-05:52	<p>JK: Sempre sonhei em ter um <i>club</i>. Sempre acreditei que a música como objetivo principal seria a força da coisa. E não a questão de vamos fazer uma boate e encher de mulher “gata” e ... fazer dinheiro. Nunca foi essa a intenção. Com isso a gente conquistou um público fiel que quer sempre ouvir novidades e artistas legais. E enfim, essa confiança do público foi fundamental pra durar o tempo que dura. São 420 edições à oito anos, que a gente conseguiu através da música.</p> <p>05:35 entra a música com volume baixo (<i>Hot Since 82 – Veins</i>)</p>	<p>Komka falando</p> <p>Identificação: João Komka – Sócio do 5uinto Club</p>
05:53-	Música: <i>Hot Since 82 - Veins</i>	Sequencia de festa no 5uinto
06:04-06:06	Música: <i>Hot Since 82 - Veins</i>	Subtítulo: Mercado
06:07-06:49	<p>FP: Tem por volta de 14 anos que eu frequento os eventos de música eletrônica. Eu tinha uns amigos que a gente queria trabalhar de uma certa forma, queria profissionalizar isso. Até tentei ser DJ, mas não deu muito certo e eu fui mais pra parte de produção. Hoje em dia, quais são as minhas funções? Eu cuido de 4 artistas, e um é o Alok que é o maior artista nosso, ganhou Top 1 DJ do Brasil. Tem a Up Club Records, que é uma gravadora, a gente faz eventos pelo Brasil inteiro, uma turnê. E a gente faz o festival no final do ano, que é a Universo Paralelo. É Um festival que acontece de 2 em 2 anos na Bahia, e foi considerado o maior festival de arte e cultura do Brasil.</p> <p>06:43 Entra a música com volume baixo (<i>Grouch – Soul Provider</i>)</p>	<p>Felipe falando</p> <p>Identificação: Felipe Lobo – Empresário e Produtor Artístico</p>
06:50-	Música: <i>Grouch – Soul Provider</i>	Sequencia do festival Universo Paralelo
06:53-07:03	<p><i>*voz-over</i></p> <p>JK: A gente tem festivais legais. O Tomorrowland é gigante, a Tribal Tech, a Kabalah de São Paulo, são festivais legais.</p>	Sequencia do festival Universo Paralelo
07:03-07:09	Música: <i>Grouch – Soul Provider</i>	Sequencia do festival Universo Paralelo

07:10-07:30	KP: Eu fico pensando em tudo que evolui, tudo que cresceu, tudo que mudou daquela época pra agora. O trabalho hoje em dia é muito maior. Se naquela época a gente começava produzindo a festa um mês antes, hoje em dia um festival a gente começa a produzir 7 meses antes. Se naquela época em 2,3 dias a gente desmontava a festa, agora demora um mês.	Kranti falando
07:31-07:43	TS: Tem muita coisa por trás disso tudo. Tem uma produção gigantesca pra que as festas aconteçam. O próprio DJ para produzir musica a musica dele faz um grande investimento em estúdio.	Thaiza falando
07:44-08:01	FL: O mercado brasileiro é um dos mercados mais bem vistos pra eles, aqui eles são bem pago, tocam em festas grandes. O cachê que eles praticam aqui, eles não praticam em nenhum lugar no mundo. Calvin Harris cobra 600 mil dólares, David Guetta 500 mil dólares.	Felipe falando
08:02-08:10	JK: Então a música eletrônica cresceu muito, na rádio principalmente. Hoje dia com EDM como chama a música eletrônica comercial. E os investimentos consequentemente.	Komka falando
08:11-08:14	KP: Eu acho que o Brasil tem um terreno bom pra música eletrônica.	Kranti falando
08:15-08:21	FL: Então a gente vê que tem um mercado consumidor muito grande no Brasil e isso só tá aumentando cada vez mais. Por que? Porque o mercado ta quente. 08:16 Entra música com volume baixo (<i>FTampa – Strike It Up</i>)	Felipe falando
08:22-	Música: <i>FTampa – Strike It Up</i>	Sequencia de festas
08:30-08:33	Música: <i>FTampa – Strike It Up</i>	Subtítulo: Preconceito
08:34-08:37	TS: A música eletrônica era a música dos gays e dos drogados.	Thaiza falando
08:38-08:42	FL: Sempre existiu esse preconceito aqui no Brasil de música eletrônica estar associado com droga	Felipe falando
08:43-08:47	KP: Não se pode negar que exista o uso de drogas ilícitas.	Kranti falando
08:48-08:52	JK: A gente não faz apologia. Acho pessoalmente que a vida é muito melhor sem.	Komka falando
08:53-08:59	FL: a gente vai pra fora do Brasil, por exemplo na Europa, eles são evoluídos em	Felipe falando

	vários fatores, inclusive na música eletrônica também	
09:00-09:22	KP: Eu trabalhei isso muito aqui em Goiás, com o fato de que as pessoas que trabalhavam no festival, as faxineiras, os seguranças, os atendes de bar, os caixas; elas reconheciam que não era aquilo que elas esperavam. Elas ouviam falar como se as pessoas estivessem se drogando no meio da pista. E quando elas viam pessoas educadas, atenciosas. Eles ficam admirados com a educação das pessoas.	Kranti falando
09:23-09:33	JK: Eu acho que as pessoas também tá mudando, as pessoas sabem que droga é um problema de saúde pública. Não se pode associar a um gênero só.	Komka falando
09:34-09:45	TS: festa tomou uma nova proporção. Até os frequentadores são diversos, de diversas classes sociais.	Thaísa falando
09:46-09:53	FL: Cada dia que passa, esse preconceito é quebrado porque a droga não é um problema da música eletrônica, a droga é um problema mundial.	Felipe falando
09:54-10:06	KP: Eu acho que a gente vai desfazendo essa má imagem, mostrando pras autoridades e pra população que a festa é muito mais tranquila, tem muito menos briga. Não tem briga. As únicas brigas que tem, são casais de namorados. 09:55 entra musica com volume baixo (<i>Something About You – Simple Jack Remix</i>)	Kranti falando
10:07	Música: <i>Something About You – Simple Jack Remix</i>	Sequencia de festas
10:17-10:21	Música: <i>Something About You – Simple Jack Remix</i>	Subtítulo: Sensações
10:22-10:37	KP: O efeito que a música provoca, vou até mexer o corpo aqui. Eu vejo que a música leva a esse estado meditativo mesmo, e adentra sonoridade alternativas. Sonoridades que nos remetem a novos espaços interiores.	Kranti falando
10:38-10:51	FL: A Música eletrônica não tem um estilo da dança, igual se você for ver no forró. Não existe estilo de dança. É uma coisa que você joga pra fora, uma expressão e um sentimento seu, e naquele momento é o que você quiser.	Felipe falando

	10:48 entra música com volume baixo (<i>Stee Downs – Gabe Remix</i>)	
10:52- 11:11	KP: Isso acontece com a musica clássica, com o jazz, onde não há um direcionamento com palavras, o tempo todo falando. E possibilita você acalmar a mente, desligar o pensador um pouco e entrar mais no sentimento, no sensorial e na percepção. pura.	Kranti falando
11:12- 11:14	FP: A minha sensação é sempre boa ao escutar música eletrônica.	Felipe falando
11:15-	Música: <i>Stee Downes – Gabe Remix</i>	Sequencia de festas
11:26- 11:44	*voz-over KP: Eu acho que a música eletrônica veio para ficar. Ela não ta pra desbancar, assim como quando veio o pop não desbancou a clássica, quando veio o rock não desbancou o pop, quando veio o reggae não desbancou o rock. E a musica eletrônica veio, não é que vai acabar os outros ritmos. Ela só veio pra se incluir como um novo ritmo, uma nova sonoridade.	Sequencia de festas
11:50- 11:56	*voz-over TS: A música eletrônica não tem fronteiras. Quantos e quantos artistas brasileiros estão viajando o mundo.	Sequencia de festas
12:02- 12:14	*voz-over KP: E ela mostrou que ela tem força, que ela esta ai. E mesmo quem não goste e prefira outros ritmos, não ha como nega a existência dela e querer destruí-la porque ela não tem mais volta.	Sequencia de festas
12:19- 13:01	Música: <i>Stee Downes – Gabe Remix</i> (<i>termina junto com os créditos</i>) FIM	Créditos Finais.